O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 34.º Sábado, 10 de Janeiro de 1942 **N.º 1714**

VISADO PELA CENSURA

CARTAS

Janeiro, 1942

Minha querida:

Há que tempos te não escrevo!... Deves estar admirada com êste meu mutismo e supondo, talvez, que as prendas que o Menino Jesus me deixou na chaminé, me *embasbacaram* até agora.

Já lá vai o tempo em que, na noite do Natal, com o coração aos pulos, ia buscar ao sapatinho os bonitos, que o Deus Menino lá me deixava ficar. E era rara a vez que não chorava, desgostosa por Ele se ter esquecido dum brinquedo qualquer, por que eu tinha preferência especial e por isso mesmo só a Ele o pedia, a meio das minhas orações... Bons tempos, êsses, em que as lágrimas brotavam só por razões dessa espécie e os desgôstos acabavam quando a boneca, velha e feia, era substituida por outra, que abria e fechava os olhos e que dizia mamã...

Foi bem feliz a nossa meninice, passada em risos e folguedos, entre carícias e mimos familiares... E' por isso que nos faz mais pêna pensarmos naquelas creanças, que a guerra obrigou a separarem-se dos pais e que em países alheios, entre desconhecidos, esperam um àmanhã que virá não se sabe quando e que lhes trará — quem sabe? — se só decepções e misérias.

Na véspera de Natal, a nossa satisfação não nos fez esquecer os que combatem nos campos de batalha e os nossos soldados, dispersos pelos Açores e pelas colónias. Que tristeza é, não se poder festejar, como outrora, a Natividade!

Sempre o fantasma-guerra a escurecer o brilho dêste lindo sol invernal... Por tôda a parte há angústias e incertezas, lutos e preocupações e foi por isso que o novo ano, êste quarenta e dois ainda menino, nasceu em Portugal rodeado de silêncio. A' meia noite tudo se calou e até a sineta da minha casa, que costuma atordoar a rua tôda e despertar os vizinhos, que preferem dormir a dar as boas-vindas ao novo ano, emudeceu também...

Findou um ano velho, alquebrado e doente e que ficará na História como o mais trágico que o mundo, desde que é mundo, sofreu. Um novo começou e quem dera que, no fim dêle, a Humanidade o possa abençoar e nós possamos dizer, como dissemos — *que o que vem não seja pior*.

Um abraço da

Zèmi

Retribuindo

A's pessoas amigas e colectividades que tiveram a gentileza de nos enviarem telegramas e cartões de Bôas Festas por ocasião do Natal e Ano Novo, aqui lhe agradecemos a deferencia com os protestos da nossa maior consideração.

Congresso Beirão

Realisa-se êste ano na cidade da Guarda, dizendo o *Boletim da Casa das Beiras*, que «seria, esta, talvez, a ocasião propicia para se efectuar o tão desejado Congresso da Imprensa Regional das Beiras» se assim o entenderem os jornalistas provincianos.

A êste respeito já dissemos o que tinhamos a dizer.

Promoção

Foi promovido a chefe principal da estação de Lisboa P. o titular da mesma, nosso presado amigo sr. Fernando de Albuquerque, que no meio ferroviário gosa do maior prestígio e consideração devido à sua competência, ás suas qualidades de trabalho e a outros predicados que lhe exornam o carácter.

Muito nos apraz ver subir pelo seu esfôrço e pela maneira como sempre tem desempenhado as suas funções, aquêles funcionários que, como o sr. Fernando de Albuquerque, não precisam de atropelar ninguém para se elevarem.

Com as nossas felicitações ao antigo chefe da estação desta cidade, muito estimamos que novos degraus consiga transpôr.

DESASTRES

Quando num dos dias desta semana descia da locomotiva em que seguiu para Travassô, onde exerce o professorado, teve a infelicidade de cair e ficar com a perna direita sob o rodado, a sr.ª D. Gabriela Mendonça, dilecta filha do sr. tenente Alberto Mendonça, que se acha internada no hospital de Agueda.

Os srs. drs. António Brêda e Mateus Anjos procederam à amputação por baixo do joelho.

* * *

Também ante-ontem foi vítima dum desastre com arma de fôgo, tendo recolhido ao hospital ferido na cabeça, o sr. José Casal Moreira, que ali foi prontamente socorrido pelo médico, dr. Vieira Gamelas.

Lamentando as tristes ocorrências, fazemos votos pelo completo restabelecimento dos sinistrados.

Imposto de salvação pública

O Govêrno, ao apresentar o Orçamento Geral do Estado para o corrente ano, que acusa um saldo positivo de 1.300 contos, declara suspenso, enquanto as condições do Tesouro o permitirem, o imposto de salvação pública.

A medida caiu bem no ânimo daquêles a quem aproveita, por ser justa no actual momento.

DA VIDA QUE PASSA

A morte do Vice-almirante Jaime Afreixo,

que no cargo de capitão do porto de Aveiro se distinguiu por maneira notável

Na sua residência, em Lisboa, faleceu a 2 dêste mês o Vice-Almirante Jaime Afreixo.

Doente há bastante tempo, os seus padecimentos agravaram-se nos últimos dias, tendo assistido aos seus derradeiros momentos sua dedicada esposa, seu filho, dr. Jaime Afreixo e o seu médico assistente, dr. José dos Reis, os quais, particularmente desde 20 de Dezembro, não abandonaram o enfêrmo um instante.

O Vice-Almirante Jaime Afreixo, nasceu na capital a 10 de Dezembro de 1867. Cursou os preparatórios na Universidade de Coimbra e, depois, a Escola Naval, onde foi sempre aluno distinto. Oficial dos mais ilustres da Marinha de Guerra Portuguesa, marcou lugar de destacadíssimo relêvo nos dois ramos de actividade que a sua profissão lhe oferecia: no mar, pelas suas reais qualidades de marinheiro; em terra, pelo seu saber em todas as questões do fomento marítimo. A sua reputação de finíssimo manobrista, conquistou-a em numerosas comissões de comando, em viagens ao Brazil, Africa, China, Japão, etc., etc., merecendo especial realce a condução à China da canhoneira *Pátria*, navio de bordo do qual teve a honra de várias vezes ver, em Hong-Kong, içado no navio almirante inglês, o sinal de *atenção às manobras do comandante português*; e, ainda, o comando da fase final das operações navais de 1925 e o comando do velho couraçado *Vasco da Gama*, sua última comissão de embarque, do qual saiu para sobraçar a pasta da Marinha em 28 de Maio.

Nos problemas de fomento marítimo vincou a sua personalidade, também, em numerosíssimas comissões, mas em especial, nas chefias dos Departamentos Marítimos do Norte e Sul e principalmente como Director Geral da Marinha e na capitania do pôrto de Aveiro, na elaboração do regulamento das Capitanias, etc., etc. A êste respeito convém lembrar a sua acção energica, decidida, a qual teve a apoiá-la o *Democrata*, facto que êle nunca esquecera e até cita num dos seus livros.

Foi presidente, entre outras, da Comissão Central de Pescarias, Domínio Público Marítimo, Marinha Mercante, etc., e era ainda, actualmente, vice-presidente da Comissão Permanente do Direito Marítimo Internacional. O Govêrno tinha mandado publicar recentemente, pelo interêsse doutrinário que ofereceu, numerosos dos seus pareceres, relatórios e informações, como publicadas estão muitas outras abras suas.

O último trabalho que produziu, já em fase aguda da sua doença, foi para corresponder à honra com que o distinguiram de prefaciar a *História da Marinha*. Quando atingiu o limite de idade para a passagem à reserva o Govêrno louvou-o em termos excepcionais; e quando, já na reserva, passou à reforma, novo louvor o distinguiu — facto êste raríssimo na Marinha.

A rigidez do seu carácter e a inflexidade e firmeza dos seus princípios de disciplina nunca empanaram o brilho das suas qualidades afectivas, nem obscureceram o seu coração, que lhe grangeou as maiores dedicações. A quando do 28 de Maio o então comandante Afreixo organizou o *Bloco da Marinha* que deu o apoio ao Exército. Ocupou, nessa data, o Comando Geral da Armada, donde passou logo a seguir a Ministro da Marinha, tendo também sobraçado a pasta do Interior. Como ministro da Ditadura, cujos destinos mais duma vez teve na mão, exerceu notável acção na manutenção da ordem pública e em defesa das autarquias locais, especialmente em relação a Espinho, Murtosa, Vale de Cambra, Chamusca, Palmela, São João da Madeira, etc.

Foi membro do Conselho de Estado e era ainda membro da C. C. da U. N.

O Almirante Afreixo estava há muito afastado da vida política, como afastado estava da vida militar; e, pela sua doença, também fôra forçado a um grande isolamento na sua vida particular. Não obstante o funeral do ilustre oficial constituiu uma das grandes manifestações de pezar a que Lisboa tem assistido. Sua Ex.ª o Snr. Presidente da República, além de ter enviado (bem como Mme. Carmona) um expressivo e extenso telegrama à família enlutada, fez-se representar no entêrro pelo chefe da sua Casa Militar, o snr. General Amílcar Mota; o sr. Presidente do Conselho fez se representar por o Ministro da Marinha e êste ilustre membro do Govêrno acompanhou o feretro até ao último momento, com todo o seu Gabinete.

E' absolutamente impossível fazer a resanha das pessoas presentes no prestito, que se compunha de mais de 240 automóveis. Mas cumpre destacar que os almirantes portugueses, tendo à frente o glorioso almirante Gago Coutinho, rodeado de tôda a oficialidade da nossa Armada, comando das fôrças navais do Tejo, etc., e de grande número do oficiais do Exército de todas as patentes, vincaram bem no prestito a categoria em que era tido o Almirante Afreixo.

Pouco antes do salmento fúnebre viu-se, orando, junto do ataude, que estava mergulhado em montes de flores, o Rev.º Padre Cruz, o grande apostolo português, a quem já em vida se atribuem fóros de santidade.

Também no momento em que ia ser retirado de casa o corpo do Almirante Afreixo, o adido naval Britânico, pessoalmente e por ofício, apresentou à família Afreixo, em nome e da parte da Armada Britânica, *as suas sinceras condolências pelo falecimento do camarada distinto e do oficial de valor que foi o saüdoso Almirante Jaime Afreixo*.

As condecorações do Almirante Afreixo eram conduzidas pelo seu amigo querido, o Comandante Alvaro Morna, Director da Escola Naval e ilustre deputado da Nação, que no cemitério disse as palavras finais, comovidas e comovedoras, pondo em impressionante realce, num notável discurso, a figura, o saber e o coração do homem dôno do espírito, cujo corpo ali estava.

O chapeu armado e a espada, eram conduzidos pelo último ajudante do Almirante e também seu amigo, o Comandante Teixeira Rebelo.

No prestito fizeram-se representar as câmaras de Agueda, da Murtosa, que enviou extensos telegramas, informando que ao ser conhecida a notícia da morte, fôra deliberado tomar luto por 30 dias, com dez dias a bandeira Nacional a meia-haste e que todo o comércio encerrára as portas e as repartições públicas tinham suspendido os serviços; a de Espinho, a de Palmela, com estandarte; a de São João da Madeira, que depôz uma enorme corôa com sentida dedicatória. Fizeram se igualmente representar o Banco de Portugal, a Companhia do Gaz, a dos Tabacos, etc., etc. Do Porto, Aveiro, Eixo, Palmela, Murtosa, etc., foram propositadamente a Lisboa muitas pessoas, entre as quais o sr. Jeremias Vicente Ferreira, desta cidade, um dos bons amigos do Almirante Afreixo, e o dr. Ribeiro da Cunha, seu médico assistente em Eixo.

A' família enlutada têm sido dirigidas as mais expressivas manifestações de pezar em centos de telegramas, cartas e cartões dimanados de todo o país.

O Almirante Afreixo era casado com a sr.ª D. Ilda de Mello do Rego Afreixo, pai do dr. Jaime do Rêgo Afreixo e sogro da sr.ª D. Olga da Mota Afreixo; era irmão da sr.ª D. Júlia Afreixo Costa, ausente em Lourenço Marques; e cunhado do sr. Joaquim de Melo Pinto Leitão, presidente da Câmara de Agueda, que era um dos seus maiores amigos, e dos srs. Elio de Melo do Rego e dr. Orlando de Melo do Rego.

O Democrata, sentindo o desaparecimento de sôbre a terra do valoroso oficial da Marinha de Guerra Portuguesa, aqui deixa vincado o seu pezar e acompanha no seu luto todos quantos mais intimamente o choram.

Carta de Lisboa

O novo Orçamento

Com a pontualidade do costume, foi publicado no dia 1 o Orçamento Geral do Estado para 1942. Continuando a tradição dos Orçamentos do Estado Novo, dos Orçamentos de Salazar, também o último não só apresenta o mais certo e são equilíbrio orçamental, como ainda prevê um saldo de 1300 contos.

No lúcido e claríssimo relatório que antecede o Orçamento, diz, a rematar as suas considerações, o sr. Ministro das Finanças:

> Mais um orçamento equilibrado se encerra sem que pelo equilíbrio se paralizem os serviços ou desfalque a economia nacional esem que, por outro lado, deixem de se satisfazer enormes encargos extraordinários que o momento impõe.

E logo a seguir, o sr. dr. Lumbrales sublinha:

> Como prémio dos sacrifícios feitos e dos que poderão vir ainda, há uma paz e uma honra que Alguém defende, num mundo revôlto, até ao extremo limite das possibilidades humanas.

Pareceu-nos que, melhor que tôdas as palavras que nós aqui pudessémos escrever, sôbre o importante e fundamental diploma, o que aí fica, vindo do sr. Ministro das Finanças, é a melhor, a mais certa e clara sintese do valor do importante documento.

Produzir e poupar

Prossegue com o melhor êxito a campanha iniciada pelo Ministério da Economia, no sentido de aumentar, ao máximo, a nossa produção. Já não é só aos agricultores, aos srs. de terras que a campanha é dirigida, embora sejam êstes os que nela melhor possam colaborar. Também os particulares, os que de mais não dispõem senão dum pequeno saguão ou varanda podem acudir ao apêlo do Govêrno principalmente promovendo a criação de coelhos e galinhas, ainda que em pequeno número. Os muitos poucos fazem muito, e nêste momento tudo serve para nos ajudar a ganhar esta batalha que, mercê da guerra, temos de ganhar na Paz, procurando criar todas as condições, que nos ponham em situação de enfrentar todas as dificuldades que porventura ainda nos assaltem.

Antonio Ferro

Chegou já a Lisboa, onde teve aquela recepção de aplauso e carinho de que era digno, António Ferro, o ilustre Director do S. P. N. e da E. N., que no Brasil realizou a maior obra de oproximação luso-brasileira, até hoje levada a cabo na história dos dois países.

Lisboa, dispensando a António Ferro o acolhimento de há dias, quiz, mais uma vez, afirmar-lhe de maneira bem eloqüente e precisa, o seu agradecimento, o agradecimento a que o ilustre escritor e jornalista tem direito, pela sua patriótica e magnífica acção.

CORDEIRO GOMES

No bairro piscatório

O santo casamenteiro, que se venera na sua capelinha do centro da Beira-Mar, está hoje, ámanhã e depois em festa, devendo ali tocar juntas, pela primeira vez, a Banda José Estêvão e a dos Bombeiros Guilherme Gomes Fernandes.

Pelo visto, os *nordestes* vão estar de palanque...

"O Democrata,, com 4 páginas

Continuamos a esforçar-nos por que êste jornal apareça, ao entrar no seu 35.º ano, em Fevereiro, com 4 páginas e outros melhoramentos em vista. Só o muito amor que temos à nossa Aveiro e a sinceridade com que servimos a política da nação, justificam os sacrifícios feitos e os que vamos fazer para interesse das duas causas. O resto não marca, nunca marcou, nem há-de marcar, tão afastados sempre andamos dos *compadres*, distribuidores de benesses. *O Democrata* vive e viverá com os seus próprios recursos. Está nisso o seu timbre, a sua maneira de ser e o orgulho de quem o dirige.

Livros

De Mim, da Terra e do Mar

Mais um volume com versos do dr. Vaz Craveiro, ali, da vila de Ilhavo, nos chegou pelo correio.

Médico distinto e poeta inspirado, já nos deleitamos a lê-lo, para consolo do espírito, não acrescentando mais, por hoje, além do nosso agradecimento pela oferta, visto um crítico literário dêle se ir ocupar.

IMPRENSA

O Desforço

Entrou no 49.º ano de existência o nosso presado colega de Fafe, dirigido por Artur Pinto Bastos, que recorda, num artigo, escrito com amargura, o que tem sido a sua odisseia.

Abraçamos o amigo e companheiro de luta pelo ideal, reservando-nos para a quando das bôdas de ouro do histórico semanário republicano dizermos o que o espaço hoje não nos permite.

Soberania do Povo

Também atingiu 64 anos de idade, pelo que o felicitamos, êste confrade, dirigido actualmente pelos srs. Conde de Agueda e seu irmão, o sr. dr. António Homem de Melo.

O "Oppidum,, de Vouga-Marnel

pelo Dr. Alberto Souto

VII

A tradição quási unânime dos escritores que depois de Gaspar Barreiros (o nosso notável corografo de quinhentos) se ocuparam da localisação de Vacca ou Vacua e, também, da vila de Vouga, situada entre o rio do mesmo nome e o seu afluente Marnel, é de que aquela cidade luso-romana fôra no Cabeço de Vouga e de que Vouga é a tradução em português, e a continuação no espaço e no tempo, da cidade romana ou luso-romana de Vacca ou Vacua que, assim, teria descido do alto do Cabeço, onde se achavam ruinas, para a base do mesmo Cabeço onde se arreigou e ainda hoje existe o dito povoado.

Gaspar Barreiros foi o primeiro a emitir tal parecer e muitos outros eruditos o seguiram, nada esclarecendo e muito baralhando, entre êles frei Bernardo de Brito que escreveu também no século XVI, e que merece especial mensão no caso sujeito.

Na *Monarquia Lusitana*, Vol. 2.º, Livro V, Brito descreve-nos uma lápide achada em Ossela, que rememorava várias cerimónias e hecatombes fúnebres praticadas pelas cohortes da Décima Legião, chamada fretense, por ocasião da morte do imperador Octaviano César Augusto, legião essa que estaria de presídio nas cidades de *Vace, Oscel, Lanco, Calen* e *Aem.* (Vacca, Ossela, Lancobriga, Cale e Eminio). Brito relata ainda o achado que ele próprio fez na serra de S. Gião ou S. Julião, do lugar da Branca, onde se viam restos de uma fortificação chamada pelos naturais *Castelo de S. Gião*.

O achado seria um marco, com letras muito apagadas, que teria servido para assinalar, talvez, a milha XII distante de Vacca, da via militar romana de Olisipo a Bracara.

O autor da *Monarquia Lusitana* opinou ser ali a Lancobriga do Itinerá de Antonino e que a *Vac* deste padrão e a *Vace* da inscrição de Ossela, se referiam à cidade de Vacua situada entre o Marnel e o rio Vouga, ario com cuja distância condizia o miliário achado.

O dr. Pedro Ferreira, continuador de Pinho Leal lamenta, o desprestígio em que caiu o frade de Alcobaça, porque se fosse autor de confiança, o seu testemunho seria precioso e resolveria de vez o problema de Vacua e das ruinas do Cabeço de Vouga. Infelizmente não bastava já o, a tantos títulos notado, descrédito do narrador cisterciense, senão ainda, desta feita, surgiram a crítica e a análise dos grandes epigrafistas como Hübner e o professor Wickert que afirmam perentòriaménte, segundo nos assegura o ilustre professor sr. Doutor Mendes Correia, que a inscrição de Ossela é apócrifa e a lápide um dos muitos falsos da Península.

Quero crêr, no entanto, que Frei Bernardo de Brito não mentia em tudo nem tudo inventava para documentar as suas afirmações ou justificar as suas explicações. A maneira por que nos descreve a sua passagem na Branca, de Albergaria-a-Velha, e a sua subida à serra de S. Julião e o achado do cipo com as letras muito apagadas, bem como o que nos diz dos restos da vetusta fortificação do alto do monte — *Castelo de S. Gião* — leva-me a certa persuasão de veracidade, nêste restrito ponto.

Marques Gomes referiu os vestígios salientes de uma *atalaia* no alto da serra de S. Julião.

Ali estive eu em dezembro findo e verifiquei que, de facto, a configuração do terreno apresenta aspectos aceitáveis como vestígios de fortificação castreja, cuja pedra estaria agora empregada nos muros de suporte e de divisoria de propriedades que ali se vêem, parecendo algumas partes de certos muros, restos de construção defensiva.

E' certo que da cerâmica recolhida nada pude concluir. O que ali se vê, ainda, porém, ligado à tradição local e à narrativa da visita de Bernardo de Brito, quási nos convence de que o autor da *Monarquia Lusitana*, neste ponto, não faltou totalmante à verdade. Espero continuar os meus trabalhos de pesquisas na Branca e no alto da serra, e oxalá possa dizer alguma coisa de novo ou certo sôbre o assunto, tanto mais que descobri agora em Cristelo, lugar remoto da mesma freguesia, provas de cultura romana e restos de construções que podem ter para o problema de Talabriga grande importância e que têm incontestável valor para o estudo da romanisação nos confins do baixo Vouga, ainda hà poucos anos tão pobre de documentos desta ordem.

* * *

O que é facto, é que a inscrição de Ossela (onde há um importante castro romanisado, e já explorado pelo Museu Municipal do Porto, à margem do rio Caima), fez carreira.

O continuador de Pinho Leal parece que já a não tomou por boa. Mas por boa foi tomada nos *Anais do Municipio de Oliveira de Azemeis*, depois de reproduzida por Pereira de Novais na *Anacrisis historial*, e por Faria e Souza na *Europa portuguesa*, citado êste por Marques Gomes, no seu livro *O Distrito de Aveiro*, publicado em 1877.

Ora tirante a bem conhecida palinodia de Plínio que diz assim:

A Durio Lusitania incipit. Turduli veteres. Pesuri. Flumem Vacca, oppidum Vacca, oppidum Talabriga, oppidum et flumen Aeminim Oppida Conimbriga... nada mais há de original, concreto, positivo ou pretensamente positivo, àcêrca do nome da cidade luso-romana que existíu na alto do Cabeço de entre Vouga e Marnel. O que abunda, são afirmações gratuitas e conjecturas de pessoas de boa-fé, reputadas como classicos e como autoridades, e de alguns eruditos que se têm seguido e repetido e comentado uns aos outros, sem aduzirem uma prova indiscutível ou manejarem um argumento que seja concludente, nada adiantando, afinal, ao que escrevera no século XVI o já citado e bem considerado Gaspar Barreiros, onde todos os outros foram beber. (1)

Mas, temos de convir, a maioria dos escritores que versaram a assunto crêem ter sido ali a cidade de Vacca ou Vacua, entre êles se contando Borges de Figueiredo, poucos sendo os que, como o continuador de Pinho Leal (Portugal Antigo e Moderno), o sr. Streecht de Vasconcelos e o sr. Doutor Amorim Girão, opinam ou por outra localisação da dita cidade luso-romana de Vacca ou consideram que tenha sido ali, no alto do cerro, ou em baixo junto aos rios, a célebre cidade de Talabriga.

Do parecer do professor sr. Doutor Amorim Girão já dei nota reproduzindo as suas palavras, autorizadas mas não convincentes.

A opinião do sr. Strecht de Vasconcelos baseia-se no *feronimo* que sua Ex.ª explica assim:

em grego *Talas* significa desgraça, ruinas; *Bryt-har*, significa abismo e *bry-hia* subvertida ou submersa nas águas.

Logo *Talabriga*, significa «*povoação da ponte ou do lameiro.*» Pelos étimos latinos seria «*subvertida na lama*».

E concluiu que a célebre Talabriga se encontra enterrada nas lamas ou nas areias do Marnel.

Ao que, com inteiro acêrto, no n.º 198 do mesmo *Correio do Vouga* em que o sr. Strecht de Vasconcelos publicou a sua *Talabriga*, em crítica à minha opinião sôbre a falta regional de românico, o sr. Travassos Gomes (pseudónimo de um ilustrado sacerdote do concelho da Feira, segundo creio) respondeu assim:

— *se Talabriga era um* oppidum *existente à data da organização do Itinerário de Antonino, como poderia o imperador geografo chamar-lhe cidade submersa ou Talabriga?*

Não! Podem estar certos os étimos do feronimo do sr. Strecht de Vasconcelos, mas o que não está certo de maneira nenhuma, é o enterramento da pobre Talabriga nas lamas de Lamas ou nas areias do Marnel!

Do que se trata no Cabeço de Vouga, é das ruinas de um opido que deixou alicerces e vestígios lá no alto.

A referência que faço à opinião do sr. coronel Strecht de Vasconcelos é apenas um preito da muita consideração que por sua Ex.ª tenho desde que nesta cidade o conheci, consideração que nada diminuiu com a discordância que de mim sua Ex.ª manifestou no seu trabalho sôbre *Talabriga* publicado em 1934 nos folhetins do *Correio do Vouga* pois nunca me agasto com críticas ou discordâncias do que penso, digo ou escrevo.

(1) Pode vêr-se uma extensa citação bibliográfica a êste respeito no último número do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, devida ao trabalho do sr. António da Rocha Madail. Interessante como curiosidade bibliográfica; nada de novo nem de positivo como arqueologia.

Bailes

Não se realisou o que estava anunciado para a noite de 31 de Dezembro, no *Club dos Galitos*, efectuando-se por o Ano Novo *matinées* naquela agremiação e no *Club Mário Duarte*.

Por tal motivo a vinda da *Orquestra Columbia*, de Espinho, ficou transferida, possivelmente, para o fim dêste mês.

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram anos: no dia 3, o sr. dr. Joaquim Henriques, médico local; em 4, a sr.ª D. Ligia Patoilo Cruz, a menina Maria Amélia de Melo Moreira e o aluno dos Pupilos do Exército, Luís Rezende Génio F. de Lima, filhos, respectivamente, do sr. António Simões Cruz, da sr.ª D. Ilda de Melo Moreira e do sr. tenente José Barata Freire de Lima; em 5, a interessante Auzenda Testa Rodrigues, sobrinha do sr. João Testa, da firma Testa & Amadores, *e o sr. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito em Penafiel; em 6, as sr.as D. Bebiana de Rezende Vieira e D. Rosa de Oliveira Lemos, esposas, respectivamente, dos srs. Francisco das Neves Vieira, 2.º sargento de Cavalaria 5, e Abel de Lemos, residente em Cassequel (Africa Ocidental); os srs. coronel Gaspar Ferreira, comandante de Infantaria 10; e dr. Manuel Soares, médico local; a menina Maria Isolete Eulália Pinto, o Antoninho e o inocente João Adalberto, filhos, respectivamente, dos srs. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5, tenente Francisco António Wenceslau, de Cavalaria 6 (Chaves) e João Baptista do Amaral Brites, 2.º sargento de Infantaria 10, actualmente nos Açôres; em 7, a sr.ª D. Maria Fernanda de Castro Pina, esposa do sr. Henrique Pina, residentes em Lisboa; em 8, a sr.ª D. Dalila Ala dos Reis, interessante filha do farmaceutico sr. Domingos João dos Reis Júnior, e em 9, o filho Abel, do sr. tenente Júlio Durão.*

Fazem: hoje, a sr.ª D. Severina de Morais Ferreira e o menino Henrique dos Santos Vieira, filho do sr. José Lopes Vieira; âmanhã, a sr.ª D. Maria de Lourdes de Morais Domingues, filha do sr. capitão Quina Domingues; no dia 12, o engenheiro-agrónomo sr. dr. Eduardo Souto, de Angeja, e o sr. Raul Marques de Almeida, chefe da Caixa Geral de Depósitos de S. João da Madeira; em 15, a sr.ª D. Maria Regina Miranda M. Pinto e em 16, o sr. João Evangelista de Campos, guarda-livros da Cerâmica Aveirense, *do Canal de S. Roque.*

Gente nova

Deu à luz mais um menino a sr.ª D. Maria La-Salette Sarabando Vinagre, esposa do sr. Manuel Moreira Vinagre, guarda-livros da Fundição Aveirense,

—No Porto também teve uma creança do sexo feminino a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Dionisia Freire Gonçalves, esposa do sr. dr. Viriato Gonçalves, jornalista do Primeiro de Janeiro.

Um futuro risonho desejamos aos recem-nascidos.

Partidas e Chegadas

Chegou da América do Norte, com sua esposa e filhos, o nosso conterrâneo sr. João Simões Amaro, que depois de aqui ter passado alguns dias seguiu para Meadela (Viana do Castelo) onde passa a residir.

Agradecendo a sua visita, muito estimamos que no ridente Minho gose sempre óptima saúde.

—A passar alguns dias, estiveram entre nós os srs. major João Tavares, de Artilharia 6 (Portalegre) e esposa; alferes José Rodrigues de Sousa, há pouco colocado em Vendas Novas; Joaquim Coelho da Silva, chefe de conservação de Estradas em Paredes, José Robalo (filho), empregado nos escritórios da C. P. no Entroncamento e Luiz Peixinho, residente em Lisboa.

—Regressou de Coimbra, onde esteve de visita, a sr.ª D. Regina da Luz Faria.

—Vindo da Ilha da Trindade já se encontra na capital com sua esposa, o sr. Mário Duarte (filho).

Homenagem póstuma

Deveras sentida e comovente a romagem do povo de Vagos ao cemitério de Ilhavo, onde se acha sepultado o dr. José Malaquias, que foi delegado de saúde e médico municipal do primeiro daquêles concelhos.

A gratidão e a saudade manifestaram-se, assim, eloqüentemente.

Nova alfaiataria

Aprovado, com distinção, pelo Instituto Superior de Corte, do Porto, onde obteve 18 valores em geografia, 18 em matemática, 14 em desenho, 18 na tese e seus derivados, 18 em medidas e corte e 16 em provar e acertar, acaba de abrir o seu *atelier* de alfaiataria na rua do Cais o nosso conterrâneo Lotário Ferreira Neves, filho do velho amigo Eduardo Pinho das Neves, que, à custa do seu trabalho e da sua inteligência, conquistou um diploma que o honra, colocando-o à cabeceira, no primeiro plano, dos artistas seus colegas.

Felicitando-o por êsse facto, desejamos-lhe na vida prática a compensação devida aos seus méritos, como de direito.

EDITAL

Cipriano António Ferreira Neto, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal e Recenseador Eleitoral do Concelho de Aveiro

FAÇO SABER, nas termos e para os efeitos do n.º 1 do art.º 8.º do Decreto-lei n.º 23 406, de 27 de Dezembro de 1933, que no próximo dia 2 de Janeiro têm inicio as operações para organização do recenseamento político do próximo ano.

Assim, pelo presente, convido os indivíduos de ambos os sexos com capacidade eleitoral nos termos do referido Decreto, a inscreverem-se como eleitores, desde 2 de Janeiro a 15 de Março.

Para a inscrição deve-se ter em vista os seguintes preceitos:

1.º—São eleitores da Assembleia Nacional e do Presidente da República:

I—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever, domiciliados no concelho há mais de seis meses ou nele exercendo funções públicas no dia 12 de Janeiro anterior à eleição;

II—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, domiciliados no concelho há mais de seis meses, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos, a um ou a outros, quantia não inferior a 100$00 por todos, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição industrial, imposto profissional, imposto sôbre a aplicação de capitais.

NOTA—A qualidade de contribuinte prova-se pela inclusão no mapa enviado das Repartições de Finanças ou pela exibição dos conhecimentos que a comissão eleitoral da freguesia averbará no processo ou verbete do interessado.

III—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com o curso especial secundário ou superior, comprovado pelo diploma respectivo, domiciliados no concelho há mais de seis meses ou nele exercendo funções públicas no dia 2 de Janeiro anterior à eleição.

NOTA—Estas habilitações provam-se pela exibição do diploma do curso, da certidão ou pública-forma respectiva perante a comissão referida.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a)—Pela exibição de diploma de qualquer exame público, feita perante a citada comissão;

b)—Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c)—Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio, perante a comissão aludida ou algum dos seus membros, desde que assim seja atestado no requerimento e autenticado com o sêlo branco ou tinta a óleo da Junta.

NOTA—A inclusão dos indivíduos nas relações dos chefes das repartições ou serviços públicos civis, militares ou militarisados, com indicação de saberem ler e escrever, é prova bastante para efeitos de recenseamento.

2.º—Não podem ser inscritos:

I—Os que receberam algum subsídio de assistência pública ou da beneficência particular e especialmente os que estenderem a mão à caridade;

II—Os pronunciados por qualquer crime com trânsito em julgado;

III—Os interditos da administração da sua pessoa e bens, por sentença com trânsito em julgado, os falidos não reabilitados e, em geral, todos os que não estiverem no gôzo dos seus direitos civis e políticos;

IV—Os notòriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença.

3.º—As relações dos eleitores a inscrever são organizadas pelas comissões eleitorais das freguesias, compostas pelo Regedor, presidente da Junta e por um delegado da autoridade administrativa do concelho, e é perante elas que os indivíduos devem fazer a sua inscrição.

4.º—Até 10 de Abril, os cidadãos podem verificar em cada concelho ou bairro se vão incluídos nas relações referidas no número anterior e reclamar perante a respectiva comissão do concelho, do recenseamento, a sua inscrição como eleitores.

NOTA—Para efeito de reclamação, os interessados, de 11 a 15 de Maio, podem examinar as cópias dos recenseamentos originais afixados à porta da Secretaria da Câmara Municipal.

As reclamações, que não podem dizer respeito a mais do que um cidadão, serão interpostas para os auditores administrativos até ao dia 20 de Maio e terão por objecto:

a)—Eliminação no receseamento dos cidadãos indevidamente inscritos;

b)—Inscrição dos cidadãos que, tendo requerido a sua inscrição ou devendo ser inscritos oficiosamente, deixarem de o ser.

5.º—Os diplomas, certidões e públicas-formas e damais documentos necessários à inscrição dos cidadãos nos cadernos eleitorais e à instrução das reclamações, serão obrigatória e gratuitamente passados em papel sem sêlo, dentro dos prazos marcados no citado Decreto-lei, mediante pedido verbal dos próprios interessados, incorrendo as entidades que demorarem ou não entregarem tais documentos, nas penalidades correspondentes ao crime de desobediência qualificada.

6.º—Em tudo que não fôr expressamente regulado no citado Decreto-lei, vigorará, na parte aplicável, a legislação vigente.

Na Secretaria da Câmara Municipal e nas sedes das Juntas de Freguesia, onde funcionam as Comissões Eleitorais, dão-se os esclarecimentos necessários e, para geral conhecimento, publico o presente edital, que vai ser afixado nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho, 23 de Dezembro de 1941.

Cipriano António Ferreira Neto.

Quadro das operações do recenseamento eleitoral

a) Seu início—*2 de Janeiro*;

b) Afixação dos editais—*até cinco dias antes do início das operações*;

c) Ofícios com indicações aos presidentes das Juntas de freguesia, aos regedores e aos funcionários do Registo Civil—*enviados de forma a serem recebidos até 7 de Janeiro;*

d) Período para os funcionários mencionados na alínea antecedente fornecerem os elementos solicitados—cinquenta e dois ou cinquenta e três dias, *desde 9 de Janeiro ao último dia de Fevereiro*;

e) Período para os chefes de repartições e de serviços enviarem as relações dos respectivos funcionários com direito de voto e para os chefes das repartições de finanças remeterem as relações dos cidadãos nas condições do n.º 4 do artigo 2.º cinquenta e oito ou cinquenta e nove dias, *desde 2 de Janeiro ao último dia de Fevereiro*;

f) Período para os cidadãos que se julguem com direito de voto promoverem, perante as comissões eleitorais das freguesias a sua inscrição no recenseamento—setenta e três ou setenta e quatro dias, *desde 2 de Janeiro a 15 de Março*;

g) Período para as Comissões citadas na alínea antecedente entregarem os seus trabalhos—oitenta e três ou oitenta e quatro dias, *desde 2 de Janeiro a 31 de Março*;

h) Período para os cidadãos e entidades referidas na alínea *f* verificarem se estão inscritos e, reclamarem, em caso negativo, a sua inscrição junto das comissões concelhias—dez dias, *desde 1 a 10 de Abril*:

i) Período para a organização do recenseamento pelas comissões referidas na alínea antecedente—trinta dias, *desde 11 de Abril a 10 de Maio*;

j) Período em que o recenseamento deve estar fixado para efeitos de reclamações—cinco dias, *desde 11 a 15 de Maio*;

k) Período para a interposição das reclamações—cinco dias, *desde 16 a 20 de Maio*;

l) Período para os auditores proferirem as sentenças—onze dias, *desde 21 a 31 de Maio*;

m) Período para as mesmas sentenças serem comunicadas aos funcionários recenseadores—dois dias, *desde 1 a 2 de Junho*;

n) Período para efectivação das alterações resultantes das sentenças—, seis dias, *desde 3 a 8 de Junho*;

o) Remessa das cópias aos presidentes das câmaras municipais—vinte e dois dias, *desde 6 a 30 de Junho*;

p) Remessa das cópias à Direcção Geral de Administração Política e Civil e aos governos civis—cinquenta e três dias, *desde 9 de Junho a 31 de Julho*.

MODÊLO PARA O REQUERIMENTO

(Em papel comum)

F... (estado) de... anos de idade (profissão) residente em... freguesia de... dêste concelho, RESIDINDO NA MESMA FREGUESIA HÁ MAIS DE SEIS MESES, COMO PROVA COM ATESTADO DO REGEDOR QUE JUNTA ou RESIDENTE NA MESMA FREGUESIA DESDE 2 DE JANEIRO DESTE ANO (se fôr funcionário) requere a sua inscrição no recenseamento para a eleição de.... com o fundamento de.... o que tudo prova com os documentos que JUNTA ou EXIBE.

Data, assinatura e autenticação pela comissão receseadora ou por algum dos seus membros quando o requerimento tenha sido escrito, lido e assinado pelo próprio, perante êste ou aquela. Quando a prova de saber ler e escrever seja feita por meio de requerimento autenticado por notário, deve o reconhecimento abranger a letra e assinatura.

NOTAS—Documentos necessários:—Certidão de idade ou bilhete de identidade, diploma de qualquer ensino público e atestado de residência.

NECROLOGIA

Em Lisboa, de onde era natural, finou-se segunda-feira, após doloroso sofrimento, a sr.ª D. Ilda Catela Teixeira da Rocha Pinto, esposa do sr. dr. Henrique da Rocha Pinto, conservador do Registo Civil e que ainda há pouco sofrera rude golpe com a perda duma filha estremecida, em plena mocidade.

A extinta, possuidora de nobres sentimentos e acrisoladas virtudes, pertencia a uma família assáz considerada, motivo por que o seu funeral, realizado no dia seguinte para o Alto de S. João, foi largamente concorrido.

Ao viuvo e a tôda a família, sem excluir a sr.ª D. Berta da Rocha Martins de Azevedo, tia da inditosa senhora, que desaparece com 56 anos, as nossas sentidas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Amélia Nunes Carlos, de 24 anos, casada com o guarda-fiscal Luiz Fortunato Ferreira, de quem deixa dois filhos; D. Clotilde Gonçalves Guimarãis, solteira, de 73, natural de Chaves; Joana Maria, viuva, de 94, e António da Luz Abranches, casado, de 28; em *Aradas*, António Joaquim Afonso, combatente da G. Guerra, solteiro, de 45, natural de Vila Flor; Rosa Lopes, de 38, casada com Francisco Alves Pereira e João de Oliveira Gamelas, viuvo, de 90; em *S. Bernardo*, António José Neto, solteiro, de 32; na *Forca*, Manuel dos Santos Ribeiro, viuvo, de 72; na *Quinta do Gato*, José Garganta da Silva, solteiro, de 22, e na *Quinta do Picado*, Maria de Jesus Cabreira, de 79, casada com João Alves Coelho.

O TEMPO

Bom, mas bom de lei, está claro com o frio à mistura, por vezes intenso.

E' a fruta da época...

Prevenção

O abaixo assinado, previne todos os comerciantes de Aveiro e Esgueira, que não se responsabilisa por dividas que contraia sua mulher, Ana de Jesus Cunha.

Esgueira, 8 de Janeiro de 1942.

António dos Santos Gamelas

Câmara Municipal de Aveiro

FEIRA de MARÇO

Edital

Doutor Lourenço Simões Peixinho, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

FAÇO SABER que os preços de cada lanço de barraca na Feira de Março, que se realiza de 25 de Março a 20 de Abril p. f., incluindo empanada, estrado e aluguer do terreno, são:

Por cada lanço de barraca para venda de quinquilharias ou outros artigos, dentro do recinto principal e do abarracamento novo—Esc. 80$00.

Por cada lanço de barraca que não seja dentro do recinto principal e que não faça parte do abarramento novo—Esc. 65$00.

Mais faço público que as requisições de barracas devem dar entrada na Secretaria desta Câmara até o dia 15 de Fevereiro próximo.

E para constar mandei passar o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos e do costume.

E eu Cipriano António Ferreira Neto, Chefe da Secretaria, o subscrevo.

Aveiro e Secretaria da Câmara Municipal, 7 de Janeiro de 1942.

O Presidente da Câmara

a) Lourenço Simões Peixinho

Prevenção

Diamantino Francisco de Carvalho, residente em S. Tomé (Africa), faz público que a partir desta data não se responsabiliza por dívida que faça sua mulher Generosa Nunes da Silva, residente em Mamodeiro.

26 de Dezembro de 1941.